



sardinha

o sem fim da pesca do cerco

Helder Luís



©2023 HELDER LUIS

A Pesca das Pescas do Mar Português

Álvaro Garrido

A pesca da sardinha é uma constante da vida marítima portuguesa, a pesca das pescas do mar português.

Historicamente, pelo facto de ser uma espécie pelágica comum na costa portuguesa, a sardinha nunca deixou de ser a principal pescaria dos portos nacionais.

Essa realidade contundente tem evidências documentais antigas que atestam a importância social da pesca da sardinha para as comunidades costeiras, para o abastecimento do reino — prensada em sal, durante longo tempo — e, mais recentemente, como matéria-prima da indústria de conservas.

Apesar da dimensão política que a campanha do bacalhau tomou durante o Estado Novo, raros foram os anos em que a sardinha desembarcada em

portos portugueses não superou, em tonelagem, o volume das demais espécies capturadas em águas nacionais ou nos mares distantes. Já o rendimento monetário da sardinha na primeira venda, ou em lota, foi muitas vezes inferior ao do bacalhau e até de outras espécies de “peixe grosso” (pargo, pescada, corvina, atuns) porque se trata de peixe miúdo capturado junto à costa.

Dos velhos acedares às armações à valenciana e aos cercos que este livro documenta, há toda uma história injuntiva de técnicas e de interações humanas relacionada com a captura e transformação da sardinha e espécies afins. Essas adaptações são institucionais e comportamentais; refletem a evolução do conhecimento da espécie e a construção biopolítica de um conjunto, cada vez mais complexo, de normativos de regulação cuja base reside na ciência, mas que não está isenta de um jogo de poderes e de interesses.

Durante a Primeira Guerra Mundial, a valorização da sardinha foi causa e efeito do crescimento da frota de cercos americanos que, no começo do século, chegara ao Algarve e aos portos de Peniche e Setúbal através de capitais estrangeiros (franceses e espanhóis). Os estímulos modernizadores e o aumento do esforço de pesca vieram da capitalização da indústria conserveira cujas pressões chegavam ao poder político e tiveram algum peso nas grandes agremiações industriais.

Na cidade do Sado, em 1910 o pessoal dos cercos já era mais numeroso do que o das armações que Baldaque da Silva inventariara anos antes num

inquérito à pesca nos “mares de Sesimbra”, águas amplamente coincidentes com a área marinha protegida do atual parque Luiz Saldanha, ao largo da Serra da Arrábida. Nos anos vinte, nas primeiras traineiras que vieram de Vigo para Peniche foram equipados motores a petróleo e depois a gasolina. Moveram-se os capitais e as técnicas para sul porque a sardinha desaparecera das costas galegas, tal como antes fugira das águas da Bretanha atraindo os industriais para a costa portuguesa, que chegou a contar mais de 400 fábricas de conservas de peixe. Esse período anterior ao Estado Novo foi seguramente o mais decisivo no trajeto histórico de industrialização da pesca da sardinha.

A pesca da sardinha, designação que inclui outras espécies pelágicas capturadas pelas mesmas artes e embarcações, voltou a conhecer avanços técnicos importantes depois da II Guerra Mundial. Por imposição do respetivo Grémio de armadores, entre 1946 e 1948 as traineiras beneficiaram de uma intensa modernização: as velhas máquinas a vapor foram substituídas por motores diesel, as redes de algodão cederam às de fibra sintética e muitas traineiras foram equipadas com rádio-telefones apoiados por ligações a uma rede de postos de rádio instalados por toda a costa de Portugal continental. No começo dos anos cinquenta, em lugar das velhas sondas de mão, surgem as “ultrasonoras”, aparelhos muito eficazes na deteção dos cardumes de sardinha, cuja abundância era cada vez mais incerta. Mais tarde, em 1965, chegam os primeiros aladores mecânicos de redes. Foi uma grande revolução técnica a dos guinchos hidráulicos, de pronto transferida para os navios da pesca de arrasto que batiam as águas de Cabo Branco, na costa ocidental africana. Como sempre acontece na periferia, os impulsos de modernização vieram de fora e na pesca da sardinha tiveram nos industriais conserveiros uma voz importante, ainda que a organização corporativa das pescas, chefiada por Henrique Tenreiro, valorizasse mais o fomento das pescas longínquas.

A paisagem técnica da pesca da sardinha por artes de rede de cercar para bordo — o cerco, como vulgarmente se designa — é muito rica e complexa, mas precisa de etnografias contemporâneas construídas com qualidade e vagar. As artes e as embarcações quase invisibilizam os homens e mulheres da sardinha na imagem-postal que em regra se faz dos portos sardinheiros. Sensível à dimensão humana e social das pescas, Helder Luís não se esqueceu das pessoas, tanto mais que embarcou dezenas de vezes e, por momentos, fez parte da companhia, sentindo na pele o que é a vida de mar e as respetivas privações.

Apesar do imaginário simplista que persiste da pesca da sardinha, como se ainda fosse uma faina artesanal ao alcance do empirismo dos pescadores locais, a pesca de cerco é capital-intensiva: exige grandes concentrações de capital físico e de tecnologia, implica investimento e uma cuidada

organização logística. Na pesca industrial tudo é caro, mas tudo concorre para a maximização das capturas, desde que haja peixe e licença para pescar. É essa a lógica que conduz ao círculo vicioso da pesca industrial: capital, tecnologia, produção máxima e sobrepesca. Dessa lógica voraz de curto prazo, induzida pela necessidade de garantir o rendimento da exploração num cenário de bens comuns renováveis e finitos, resulta a escassez de recursos, que não é nova no caso da sardinha e que, já no século XIX, conduziu a interditos e a normas de reposição do equilíbrio natural.

Atualmente, ainda que alguns barcos sejam velhos, a casa do leme de uma traineira, seja ela de casco em madeira, ferro ou fibra, está cheia de equipamentos de deteção e segurança. Ciência e empirismo, cálculo e intuição conjugam-se em cada gesto da companhia. Tal como a ponte de um navio, a casa do leme de um barco de cerco é um lugar mecânico povoado de eletrónicos. Já não basta a intuição do mestre e a experiência dos homens, mas é certo que havendo peixe e licença para pescar, não é por falta de arte que o peixe escapa. Como lembra o fotógrafo, uma rede de cerco custa — ou custava, antes da inflação que tanto afeta os custos de laboração das frotas — cerca de cem mil euros e cada traineira tem, pelo menos, duas ou três redes. Outro custo fixo brutal de um barco de cerco é o combustível, cujo preço entretanto se tornou insuportável, sendo certo que ainda estamos longe de imaginar uma frota movida a “energias verdes”.

As artes de cerco são artes móveis de grande porte. À mobilidade incerta dos recursos biológicos, cujos padrões comportamentais continuam por conhecer na sua plenitude, corresponde a mobilidade das artes e das embarcações, seguindo o peixe, costa fora, da Póvoa ao Algarve. Na costa continental, Matosinhos e Peniche são os maiores portos. Mais a sul, Sesimbra sobressai e no “mar chão” do Algarve os portos de Olhão e de Portimão levam vantagem sobre os demais. No essencial, a paisagem pesqueira portuguesa é a paisagem da sardinha e da sua fileira de atividade.

O trabalho fotográfico de Helder Luís, resultante de uma residência artística apoiada pela Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, honra a melhor tradição da fotografia documental, muito próxima do fotojornalismo.

Além de nos oferecer belas imagens captadas a bordo e em terra, o fotógrafo excedeu o trabalho convencional que dele se esperaria. A seleção criteriosa das fotografias é acompanhada de bons textos, claros e informativos, que vão muito além de simples legendas. As palavras suturam as imagens e emprestam-lhes movimento e didatismo. As fotografias noturnas, difíceis de captar e de compor devido às condições de luz, são magníficas e fazem lembrar as inconfundíveis imagens de Alfredo Cunha, em *Uma Noite no Mar*, álbum

editado pelo Museu Marítimo de Ílhavo em 2014. E outras parecem invocar o trabalho de fotógrafos como Carlos Afonso Dias, geógrafo que também se interessou pela sardinha enquanto investigador do IPIMAR.

A narrativa de Helder Luís centra-se na Póvoa, lugar de síntese do mar português, que o etnógrafo Santos Graça mitificou como poucos na sua *Epopéia dos Humildes*, dedicada a todos os pescadores, e n' *O Poveiro*, texto fundador da identidade local. Ainda que a Póvoa seja hoje um centro urbano onde a memória social da pesca naturalmente se diluiu, basta percorrer aquela praia bravia e falar com os pescadores mais velhos que conheceram diversas pescarias e muitos a Terra Nova do bacalhau, para se entender o espírito superlativo do lugar.

No trabalho fotográfico que aqui se apresenta é da Póvoa, precisamente, que partem as imagens e os barcos, sendo a Póvoa e a sua colmeia de pescadores indissociável de Vila do Conde e das Caxinas, comunidade das mais densas e pujantes na cultura marítima portuguesa, um dos seus últimos redutos. No entanto, as imagens percorrem diversos lugares da costa portuguesa, uma vez que o mar da sardinha e das demais espécies pelágicas da frota de cerco não é sempre o mesmo, nem a pesca de cerco é de âmbito local.

Portos, lotas, armazéns, linhas de costa, mares e amuradas de embarcações, são pontos de escala de uma viagem sem guião que coloca em evidência a dimensão nacional da pesca da sardinha e a natureza móvel dos seus fatores de produção — o trabalho, o capital e os próprios recursos biológicos. Fiel ao roteiro dos grandes trabalhos de fotografia documental que elegem as pescas como lugar artístico e de fusão dos imaginários locais com a identidade nacional, Helder Luís segue as traineiras em que embarcou da largada, no porto de embarque, ao retorno dos barcos, que nem sempre optam pelo regresso ao porto de origem. Atento à dimensão holística do fenómeno das pescas e aos grandes debates atuais sobre a sustentabilidade da vida marinha, o fotógrafo evita uma visão triunfal da pesca e não se detém em alegorias da abundância.

Os recursos biológicos da pesca da sardinha, e das artes de cerco em particular, sempre registaram grandes flutuações devido à vida breve da espécie e à sua vulnerabilidade a fatores ambientais. A sardinha era e é uma espécie fundamental na cadeia de valor da fileira das pescas, dada a importância das exportações de conservas para o equilíbrio da balança comercial de produtos da pesca. Historicamente, volvidas as primeiras memórias de naturalistas que produziram reflexões pioneiras sobre o uso dos recursos do mar, ainda no século XVIII, a pesca da sardinha tornou-se o objeto favorito da biopolítica estatal entre finais de Oitocentos e o começo do século XX. Para tal concorreram as campanhas oceanográficas do Rei

D. Carlos, que também se ocuparam da sardinha enquanto espécie pelágica, e todo o movimento científico internacional associado à criação do ICES (International Council for the Exploitation of the Seas), criado em 1902, organismo intergovernamental a que Portugal aderiu anos depois. O ICES, que ainda hoje é a instituição de ciência que mais enforma a política de pescas da União Europeia, teve na sua origem o problema das pescarias do Mar do Norte, mas cedo se ocupou, também, das pescas da zona oceânica que vai do Golfo da Biscaia, a norte de Espanha, ao Algarve – o mar da sardinha, precisamente. Quando hoje se fala do “stock de sardinha ibérica” é desse complexo bio-geo-físico que se trata. Essa particular atenção ao complexo ibérico da sardinha relacionava-se com o crescimento rápido da indústria de conservas de peixe, cuja atividade começara em França, na Bretanha, na segunda metade do século XIX, mas depressa decaiu devido à escassez do peixe. O estudo das espécies haliéuticas de maior importância comercial e as avaliações rudimentares da biomassa, ou dos “mananciais de peixe” como então se dizia, foram os primeiros passos para se construir uma gestão equilibrada das pescas. No entanto, faltou sempre uma ética social de longo prazo e faltou uma administração menos intermitente e mais capaz de incorporar conhecimento científico nas políticas públicas.

Na sequência dos primeiros diagnósticos da Comissão das Pescarias, criada em 1878, são irresistíveis os inquéritos naturalistas de Baldaque da Silva, oficial da Armada da classe de hidrografia, publicados em finais do século XIX. Além do substrato etnográfico que esses inventários têm, próprios de quem calcorreava as praias e enseadas de pesca e fazia observação direta seguida de registos, vale a pena lê-los para perceber que os problemas não são novos e que algumas soluções também não são inéditas. Num tempo de acelerada industrialização das pescarias, de tremenda pressão dos interesses e de evidências inéditas de populações biológicas rarefeitas pelo impacto dos arrastos a vapor, Baldaque entendeu como ninguém que as pescarias são um sistema bio-socio-económico. Nesse momento precoce, os modelos teóricos de Elinor Ostrom e de outros intérpretes de uma teoria da governação dos bens comuns ainda estavam por criar, mas é certo que os fundamentos da co-gestão participativa já estão nos escritos e intervenções de Baldaque, como têm notado investigadores tão contemporâneos como o antropólogo Luís Martins e o biólogo Yorgos Stratoudakis.

Na verdade, homens como Baldaque da Silva, Alfredo de Magalhães Ramalho, Luiz Saldanha e Mário Ruivo foram admiráveis exceções num país marítimo que tardou muito a reconhecer que não há gestão das pescas sem ciência. Não por acaso, esses percursos sempre insistiram que o estudo científico das pescas e o desenho das políticas precisa de conjugar a biologia das espécies com os

fatores oceanográficos, sem esquecer os elementos antropogénicos e sociais, porque é essa a chave de uma pesca sustentável. Proteger as espécies biológicas sem proteger, também, as comunidades humanas que dependem da exploração dos recursos é cair numa pastoral conservacionista que resulta na inaceitável diabolização de toda e qualquer atividade pesqueira.

Sem cair nesse dogma do novo ambientalismo universal, devemos reconhecer, porém, que a pesca é um jogo de extremos cuja utopia de gestão remete para o equilíbrio bioeconómico, uma noção formal que vem da economia neoclássica e que subvaloriza os aspetos sociais. Imprevisíveis e de natureza global, as alterações climáticas estão a gerar impactos contundentes nos ecossistemas oceânicos e nos habitats de diversas espécies marinhas e fluviais. Tal como se observa na pesca da sardinha e no seu rasto de crise permanente, os sistemas de gestão das pescarias consomem boa parte das suas energias em reconciliar a voracidade da exploração dos recursos com o máximo rendimento da indústria. Não por caso, num claro sintoma de desconhecimento do objeto, as pescas ora se prestam a etnografias essencialistas, ora são apresentadas como um assunto puramente técnico ou burocrático. Em todo o caso, na prática a pesca ainda é uma atividade de captura destinada a maximizar o valor de mercado de recursos naturais finitos e renováveis.

Abundância e escassez, sustentabilidade e desequilíbrio ecológico são binómios demasiado

redutores quando se procura compreender a fenómeno integrado das pescas, cujo discurso tende a olvidar os aspetos sociais e culturais da vida marítima que estão associados a fainas emblemáticas como a da pesca da sardinha. Um dos paradoxos históricos das pescas portuguesas reside na incoerência entre uma política de pescas orientada para a gestão das pescas longínquas e as realidades de uma frota nacional composta, maioritariamente, por embarcações de pequena pesca e ligadas à biogeografia dos recursos da nossa costa marítima. Esse enviesamento advém de um certo imaginário de grandeza e deteta-se no debate público, na imprensa e nas televisões, erro que este livro não comete ao eleger a pesca da sardinha como objeto de eleição. Longe das imagens-cliché que as televisões nos oferecem sempre que termina um defeso e os barcos voltam à grande faina, o trabalho de Helder Luís humaniza as pescas e os pescadores. Num tempo em que a literacia dos Oceanos é mais indispensável do que nunca devido ao desastre coletivo que o Planeta Azul enfrenta, mas sem dogmas ou discursos de índole pastoral, importa compreender a vida marítima de maneira injuntiva. Importa valorizar a sua cultura técnica e as suas práticas sociais de forma a garantir que as pescas tenham futuro no âmbito da nova economia do mar.





©2023 HELDER LUÍS

Um registo no limite do tempo

Helder Luís

Este projeto de fotografia documental, realizado nos últimos quatro anos (2018-2022) a partir do norte do país resultou num livro intitulado Sardinha, sobre a pesca do cerco. Esteve enquadrado na residência artística MAR/PVZ,19/20, dedicada à cultura marítima, e apoiada pela Câmara Municipal da Póvoa de Varzim.

Iniciei este projeto convencido que ia fazer um livro sobre a pesca da sardinha e acabei por fazer um livro sobre a pesca do cerco.

Após as primeiras viagens, ficou claro para mim que a sardinha não chegava para alimentar a fome de peixe durante um ano inteiro.

Inicialmente, estava convencido que poderia realizar este projeto apenas na zona norte, não me afastando muito da Póvoa de Varzim, partindo e regressando ao porto de pesca de Matosinhos.

No entanto, a pesca, e neste caso em particular a pesca do cerco, é uma atividade que está dependente de

múltiplos fatores. Um deles, talvez o mais importante de todos, “tem” vontade própria e nos últimos anos decidi passear-se pela costa e permanecer longas temporadas mais a sul do país, longe dos portos do norte. Falo, naturalmente, da sardinha. Essa movimentação obrigou à “migração” de uma boa parte da frota do cerco, e fui obrigado a segui-la ao longo dos vários portos, desde Matosinhos até ao Algarve. Por isso, tanto a deslocação do peixe como quem o persegue mudaram radicalmente a forma como abordei este projeto.

Só não ia ao mar quando os pescadores ficavam em terra por causa do estado do mar. Quando os barcos estavam por Matosinhos eu podia ir ao mar de domingo a quinta-feira sem grandes dificuldades. Mesmo quando pescavam mais para sul, perto de Aveiro ou da Figueira da Foz, eu continuava a poder juntar-me a eles. Mas se os barcos fossem mais para sul, Peniche, Sines, ou mesmo até ao Algarve, as viagens já exigiam uma outra preparação. Também implicavam fazer planos com os mestres e condensar no tempo o maior número possível de embarques. Esses contratemplos tiveram, apesar disso, um resultado positivo.

Um projeto que parecia estar mais circunscrito acabou por ganhar outros horizontes, pois levou-me a visitar e a embarcar na maior parte dos portos de pesca. Essa abertura deu-me uma visão global sobre a pesca do cerco e sobre as diferenças entre a forma de trabalhar dos pescadores do norte e os do resto do país. Também tive a oportunidade de experienciar um mar que não é todo igual ao longo da costa e

obriga os pescadores a adotarem outras formas de trabalhar.

Passei uma boa parte desses quatro anos a bordo de barcos de pesca da Póvoa de Varzim, das Caxinas e de Vila do Conde, acompanhando as tripulações em dezenas de viagens, observando, fotografando e filmando.

Apesar de repetitiva, a pesca do cerco não é monótona porque os elementos (naturais) encarregam-se de introduzir um número assustador de variáveis que podem transformar a mais simples tarefa num desafio complexo e perigoso. O mar, ou melhor, o seu temperamento, é a maior variável de todas. Para além do mar, o vento, a chuva e o frio transformam numa odisséia qualquer atividade humana no mar. Para entender a pesca do cerco é necessário sujeitarmo-nos à repetição, à tentativa e ao erro, estar exposto à chuva, ao vento e ao frio, e suportar o enjoo induzido pelo “rolo” dos barcos quando o mar está mais agitado.

Para fotografar consistentemente uma atividade tão complexa como esta, com tantas variáveis e imprevistos, é necessário estar disposto a suportar as mesmas condições a que os pescadores estão expostos diariamente. Só assim se percebe a dureza da pesca.

Não basta fazer uma viagem de ida e volta numa noite de verão e esperar voltar com um conjunto de imagens representativas do que é a pesca do cerco (algo que se assemelha mais a uma longa empreitada do que a uma simples viagem isolada).

A recompensa (para quem pesca e para quem fotografa) chega nos dias bons, em que se pesca o suficiente para encher o próprio barco, os da família e os dos colegas. Nessas noites todos ganham.

Após ter feito algumas viagens de média duração para outros projetos, permanecendo algumas semanas no mar, não me foi difícil chegar à conclusão que as viagens curtas e separadas no tempo, características da pesca do cerco, acabam por ser mais cansativas, pois o corpo nunca se chega a habituar ao balanço do mar.

Nas viagens mais longas há tempo para trabalhar e descansar, normalmente em turnos, e apesar de se estar longe de casa e da família, passado um dia ou dois a privação do sono é menor e o corpo acaba por se adaptar a um meio a que não pertence.

Nas viagens diárias, quase todas as noites são noites perdidas para mim. Nos barcos, raramente durmo. Os mestres insistem oferecendo-me o seu próprio beliche, mas a maior parte das vezes prefiro perder a noite e estar alerta para quando surgir a oportunidade de fotografar. Dormir, só mesmo quando chego a terra e só depois de ver as fotografias dessa noite.

Fotografei, ao longo de quatro anos, em diferentes horas do dia e da noite. À noite a luz natural é praticamente inexistente e o meu trabalho está condicionado pela presença da luz artificial a bordo (fluorescente, incandescente, LED, halogénio, etc.), o que resulta em imagens com temperaturas de cor distintas e com ambientes muito particulares. Dada a natureza documental deste projeto, assumi essa

realidade, corrigindo aqui ou ali algum desvio mais acentuado durante o processo de edição.

Mesmo depois de uma noite no mar, não consigo descansar enquanto não vejo as imagens e as classifico de forma provisória. Isto porque é a primeira vez que realmente vejo as imagens. É quase como se as revelasse num processo análogo ao tradicional filme de fotografia.

Depois de descansar e ao longo dos dias e semanas, vou revendo as imagens e classificando-as novamente. Curiosamente, encontro outras imagens interessantes e outras, que já tinha selecionado, passam para segundo plano. Isso foi importante para definir o que fotografar nas viagens seguintes e para permitir ter uma noção mais clara dos temas em falta, ou melhorar o registo de um tema já fotografado. Ao longo desses quatro anos também fui melhorando processos e técnicas, o que me fez voltar a fotografar novamente certos momentos.

O elevado número de fotografias capturadas (cerca de doze mil) gerou um arquivo enorme, o que tornou esse trabalho de seleção cada vez mais difícil e demorado. Foi necessário criar grupos e categorias de imagens organizados por datas e por palavras-chave, como o local (porto de partida ou descarga, local em terra), o conteúdo da imagem (ações, objetos, técnicas de pesca, momentos da pesca, etc.), o equipamento utilizado, etc.. Esse processo foi essencial para encontrar o sentido narrativo do livro.

Durante o meu processo de trabalho tento, sempre que possível, não incomodar nem interromper o trabalho dos pescadores. Apesar de procurar a “invisibilidade”, por vezes vejo-me envolvido em pequenas tarefas, quando me pedem ajuda ou quando entendo que posso ser útil. Mas sempre com uma disciplina e uma economia de ação, resultado da minha experiência pessoal. No que toca à fotografia, sou apenas um observador e gosto de pensar que, passado algum tempo, já “desapareci”. A nível pessoal interajo de forma muito mais intensa com as pessoas. Mesmo assim, escuto mais do que falo. Enquanto fotógrafo documental, não peço às pessoas que parem de fazer o que estão a fazer ou que encenem qualquer tipo de ação.

A ação acontece em vários sítios ao mesmo tempo e, por isso, é necessário conhecer bem o barco e entender como é distribuído o trabalho. Na pesca do cerco, apesar de a técnica de pesca usada ser muito semelhante entre os barcos, acaba por haver algumas particularidades, dependendo do tipo e do tamanho do barco.

No mar, nem sempre controlamos quando podemos fotografar. Durante o desenrolar dos acontecimentos posiciono-me de maneira a conseguir observar o trabalho de uma forma interessante, para permitir contar uma história. Apesar disso, não posso descuidar a minha segurança. Estar num barco de pesca é perigoso e fotografar num barco de pesca é ainda mais perigoso. O perigo está presente de forma constante no mar. Faz parte de estar naquele lugar aceitar o perigo com respeito e concentração pelo que se está a fazer. Informa-me e faz-me pensar muito bem



©2023 HELDER LUIS

“Durante quatro anos, no âmbito de uma residência artística apoiada pela Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, percorri o mar português a bordo de várias embarcações, a partir da maioria dos portos de pesca do país, acompanhando a vida no mar e em terra das várias tripulações. Uma viagem sem guião, que coloca em evidência a dimensão nacional da pesca da sardinha, a pesca das pescas do mar português, mas também uma saga humana pouco mais do que invisível, a não ser quando há notícia de naufrágios ou quando se reabrem os debates sobre a escassez do recurso. Este projeto procura acima de tudo documentar e homenagear as artes e os homens da pesca do cerco.”

no que estou a fazer enquanto fotógrafo. Onde me posiciono, onde coloco os pés e para onde me viro. Há um constante olhar por cima da máquina fotográfica, para dar uma oportunidade à minha visão periférica de me avisar de algum perigo que possa vir na minha direção. Tudo isso faz parte da postura de um fotógrafo a bordo de um barco de pesca. Com a experiência, fui apurando a percepção do espaço e do modo como o trabalho se desenrola. Mesmo quando enjoava não parava de trabalhar. Continuava a fotografar e a acompanhar o trabalho, pois todos os momentos me pareciam tão fugazes e frágeis. Essa minha atitude gerava uma certa admiração e respeito por parte das tripulações dos vários barcos por onde passei. Para mim era uma forma de os respeitar.

Quase todos enjoam em alguma altura. O que realmente faz a diferença é a aceitação de que estamos ali para trabalhar e que não podemos escapar àquele espaço, estando todos obrigados a dar o seu melhor enquanto estão no mar.

Quando um barco navega com as luzes exteriores e interiores desligadas, não existe luz a bordo que permita registar o que quer que seja. Na verdade, há muito pouco que possa ser registado durante esses períodos e aproveita-se para descansar. A noite induz um estado de recolha. Pensa-se mais, reflete-se na vida e no porquê de nos sujeitarmos a algo tão agressivo e repulsivo. Somos constantemente lembrados que o nosso lugar não é ali, no mar. Somos apenas visitantes com um visto temporário.

O mar tem a capacidade de nos confrontar com um paradoxo interessante e que parece ser algo experienciado por todos os que o habitam temporariamente. Quando estamos no mar sentimos uma vontade de estar em terra, junto dos nossos, ou apenas no conforto do nosso lar, especialmente quando sentimos o rigor do mar em alturas de muito frio ou chuva. Falta-nos o calor de terra quando o mar nos expulsa e nos envia toda a sua ira. Todavia, quando o mar nos aceita e nos oferece uma passagem segura deixa-nos pertencer àquele espaço, ainda que por breves momentos. Quando voltamos do mar começamos a sentir falta de estar no mar. É uma sensação de inquietude. É uma vontade de desafiar, de explorar, de viajar, de partir.

Ser fotógrafo no mar poderá significar um dia ser pescador. Para já, parece-me suficiente a experiência de embarcar noite após noite e refletir sobre o que é estar num espaço ao qual não pertencemos, mas ao qual, ao mesmo tempo, não conseguimos deixar de querer voltar.

Quando comecei a trabalhar no projeto e a pensar numa maneira de dar vida editorial à forma como experienciei e documentei essa atividade, tinha plena consciência da relevância deste tema.

A pesca de cerco é das artes de pesca mais importantes em Portugal. No entanto, continua a estar pouco documentada. É uma das poucas “artes” de pesca que nos transporta para a época das lanchas poveiras. Apesar do uso de aladores mecânicos e das gruas, existe todo um conjunto de tarefas a bordo e em terra que ainda são realizados por grupos numerosos de pescadores. As redes, cujas dimensões podem chegar a atingir os mil metros de comprimento e a pesar cinco toneladas, continuam a ser uma das razões para que isso aconteça.

Outro aspeto a que queria dar a devida atenção está relacionado com o que se pesca. Este tipo de pesca tem como alvo não só a sardinha, mas também outras espécies, como a cavala, o carapau e o biqueirão, cuja pesca tem regras diferentes.

Dessas espécies, a sardinha é o peixe mais conhecido e tornou-se o símbolo das festas populares. No mês de junho chega-se a consumir mais de 10 sardinhas por segundo. Mas a sardinha também foi e é a principal espécie da indústria conserveira portuguesa, que absorve quase metade das capturas da frota nacional.

Sendo este trabalho sobre a pesca do cerco, também é, obviamente, sobre as tripulações. Por enquanto, ainda são compostas exclusivamente de pescadores portugueses. Pelo menos nos barcos em que tenho viajado continua a ser assim. É importante que assim seja e será uma pena quando deixar de o ser. Há ainda muita cumplicidade nestes homens. Muitas famílias que se conhecem e que formam uma comunidade. Muitos são familiares ou amigos que se cumprimentam de um barco para o outro quando se cruzam no mar. Apesar de toda a competição, disputas, discussões e confusões, ainda existe um forte espírito de camaradagem.

Os poveiros e os caxineiros, sempre orgulhosos das suas origens, gostam de me perguntar de onde sou. Ficam admirados, mas satisfeitos, quando lhes respondo que a família do meu pai é poveira e vivia na Rua 31 de Janeiro, junto à Igreja da Lapa (no coração da comunidade piscatória) e que eu cresci também por ali, perto do mar, quando ficava em casa dos meus avós depois da escola e passeava à tarde pelo cais com o meu avô João Silva.

Espero conseguir transmitir o que é a vida destes pescadores. Este é o meu contributo para o reconhecimento desses homens que passam muitas noites à procura de um peixe que teima em lhes escapar e regressam muitas vezes cansados, desanimados e sem sustento para, na noite seguinte, voltarem ao mar e fazerem tudo de novo.

Este é um registo no limite do tempo. Dificilmente se poderá continuar a pescar como se tem pescado

e isso tem e terá cada vez mais impacto na comunidade piscatória. Além disso, a mão de obra para trabalhar nos barcos escasseia. Inevitavelmente, a pesca do cerco irá mudar e evoluir. Mas continuará a ser, como sempre foi, uma luta entre a sobrevivência de uma espécie e a subsistência da outra.

Este trabalho não teria sido possível sem a ajuda de todos os armadores, mestres, pescadores e trabalhadores da pesca do cerco com quem tive o prazer de me cruzar, por isso devo-lhes um sincero agradecimento. O livro *Sardinha* também é deles. Ao longo dos quatro anos em que estive envolvido neste projeto, acolheram-me, protegeram-me e ensinaram-me muito sobre o mar e a pesca. Durante o processo de criação do livro, estiveram sempre disponíveis para responder a todas as questões e esclareceram todas as dúvidas que tive. Penso que estavam genuinamente interessados em ver o seu trabalho devidamente retratado.

Continuo a perseguir o objetivo (fugaz) de documentar não só o que acontece num determinado momento, mas também transmitir aquilo que senti em cada momento desta “viagem”. Quero que as minhas imagens sejam capazes de sugerir o movimento do barco e o estado do mar. Se cada leitor conseguir sentir os salpicos da água salgada e as escamas de peixe a voar, um dos objetivos deste projeto estará realizado.

Foi uma longa viagem, interrompida por restrições que afetaram a vida e o trabalho de todos. Tal como na pesca, o mais importante é ir para o mar. Ficar em terra não é uma opção.



©2023 HELDER LUIS

MARPVZ|19/20

A residência artística *MARPVZ|19/20*, apoiada pela Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, surge depois da instalação *MAR*, que concebi a convite do Museu de Arte Contemporânea de Serralves e que esteve instalada na Capela de Serralves em junho de 2018 e resulta do meu envolvimento com a temática da cultura marítima que me tem acompanhado desde então. Durante a produção da instalação *MAR* embarquei em vários barcos de pesca e a experiência que daí resultou tocou-me de uma forma que ainda hoje não consigo compreender na totalidade.

É difícil explicar se foi apenas a experiência de estar no mar, a partilha e a cumplicidade com os pescadores, que me aceitaram como um deles, ou então se foi algo mais que se revelou, inesperadamente, dentro de mim.

A residência artística permitiu expandir o trabalho artístico à volta do mar que explorei com a instalação *MAR*, e posteriormente com a instalação *Under the Above* para a Solar – Galeria de Arte Cinemática em Vila do Conde. Permitiu desenvolver um trabalho documental relacionado com a pesca e pensar sobre o mar e sobre as pessoas que ainda hoje vivem nele e dele. O objetivo da residência artística foi, e continua a ser, apresentar este trabalho sob a forma de objetos artísticos, mas principalmente, como documentos que perdurarão no tempo e serão testemunhos no futuro de um período singular no qual ainda permanecem alguns vestígios de uma relação com o mar remotamente semelhante àquela que os nossos antepassados tiveram, e que, dentro de muito pouco tempo deixará de existir por completo. A residência artística arrancou simbolicamen-

te em março de 2019 com a exibição, no Cine-Teatro Garret, do vídeo da instalação *MAR*.

O primeiro projeto, intitulado *Atlântico*, apresentado em julho de 2019, documenta as minhas viagens a bordo do *Iris do Mar*, desde a Póvoa de Varzim até Ponta Delgada e ao largo dos Açores. Desse projeto resultou um livro e uma exposição que esteve inicialmente exposta no Museu Municipal da Póvoa de Varzim e que em 2022 passou pelo Museu Marítimo de Ílhavo e continuará a circular por outros espaços.

O segundo projeto, *Sardinha*, demorou quatro anos a ser concluído. Não só porque foi interrompido durante quase dois anos pela pandemia, mas também porque adquiriu uma dimensão e uma escala que não estava inicialmente prevista. O que estava para ser um projeto de âmbito local sobre a pesca da sardinha transformou-se num projeto à escala nacional sobre a pesca do cerco. O livro *Sardinha* foi apresentado em fevereiro de 2023 no Correntes d'escritas e logo a seguir no Diana Bar, na Póvoa de Varzim. Desde então tem sido apresentado um pouco por todo o lado. É agora mostrado ao público sob a forma de uma exposição no Diana Bar que irá posteriormente circular pelo país fora.

Até ao final deste ano, apresentarei ainda a instalação sonora *Búzio* na capela da fortaleza de N.ª Sr.ª da Conceição. Em fevereiro de 2024, apresentarei o evento multimédia *Supplica* na Igreja da Lapa, em evocação à tragédia de 27 de fevereiro de 1892.

O projeto final, intitulado *7 Barcos, 7 Vidas, 7 Mares*, deverá ser apresentado durante o ano de 2024. É um projeto extenso e complexo e tem vindo a ser desenvolvido desde o início da residência artística. Resultará num livro e numa exposição de fotografia documental.



©2023 HELDER LUÍS

HELDER LUÍS

**Designer, fotógrafo,
artista multimédia e músico.**

Estudou design gráfico e tipografia e desde 1996 tem trabalhado para inúmeras empresas e instituições dentro e fora de Portugal enquanto freelancer ou através da *notype*, a sua empresa de design gráfico e multimédia. O seu trabalho de design gráfico tem sido exposto em vários eventos nacionais e internacionais e publicado em inúmeras publicações, incluindo a revista *Publish* e o livro *Marcas e Marcas PT*, em que figuram várias marcas desenhadas por si ao longo dos anos. Como artista multimédia desenvolveu inúmeros trabalhos individualmente e em grupos como *Ginsonic* (com Dario Oliveira e Miguel Dias), *Houselab* (com João Paulo Feliciano, Rafael Toral, Rui Toscano e Rui Gato), *Landscape* (com João Pedro e Sérgio Gomes) ou *System Modular* (com João Santos e Carlos Lobo) entre outros. Como músico integrou alguns projetos, incluindo *Clockwork*, e atuou também a solo como músico experimental explorando a guitarra como gerador de som. Colaborou ainda, como artista, designer multimédia ou consultor, com artistas como Cesário Alves, João Baldessari, João Carrilho, João Paulo Feliciano, Julião Sarmento, Lawrence Weiner, Rafael Toral, Rui Horta, Rui Toscano, entre outros. Tem apresentado o seu trabalho em exposições individuais e coletivas e em eventos e instituições como Art Attack, Bienal da Maia, CAM/ACARTE, Curtas, Dança do Brasil (Rio de Janeiro), ESAD, ExperimentaDesign, Expo2000 (Hannover), Fonoteca, Fundação Calouste Gulbenkian, Porto2001, Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Festival

de Música Clássica de Ravinia (Chicago), Rivoli, Silo – Espaço Cultural entre outros.

Em junho de 2018, apresentou a instalação *MAR* no Museu de Arte Contemporânea de Serralves, que abriu as portas à exploração do tema do mar e da pesca e desde então tem fotografado, filmado e captado som a bordo de vários barcos ao largo da costa portuguesa e ao largo dos Açores. Em novembro de 2018 apresentou a instalação *Under the Above* na Solar – Galeria de Arte Cinematográfica. Uma peça que explora o tema do afogamento e o sentimento de abandono e solidão em alto mar. Em 2019 iniciou a residência artística *MARPVZ|19/20* apoiada pela Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, da qual resultaram múltiplos projetos documentais e artísticos dentro do tema da cultura marítima. Em julho de 2019, lançou o livro de fotografia intitulado *Atlântico*, que documenta as suas viagens a bordo do barco *Iris do Mar* ao largo dos Açores. Em 2021 terminou o Mestrado de Fotografia e Cinema Documental na ESMAD. No final de 2022 publicou o livro *Na língua da maré*, uma obra com gente dentro e que sente o pulso do sector marítimo, juntamente com Abel Coentrão para a cooperativa de seguros de pesca Mútua dos Pescadores. No início de 2023 publicou o livro *Sardinha*, o seu maior projeto de fotografia documental, até à data, dentro da temática da cultura marítima. Um livro que demorou 4 anos a produzir ao longo da costa portuguesa, a bordo de barcos de pesca do norte do país, e que documenta a pesca do cerco em Portugal. Atualmente está envolvido em vários projetos documentais e artísticos dentro da cultura marítima e em outras áreas do seu interesse pessoal. Continua também a compor e a produzir música.



©2023 HELDER LUÍS / AUTORETRATO A BORDO DO "DEUS NÃO FALTA"

WWW.HELDERLUIS.PT



GRUP NORPRINT

27 DE JUNHO A 31 DE AGOSTO DE 2023
INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO
DIA 27 DE JUNHO AS 17:00
DIANA BAR, PÓVOA DE VARRIM
ENTRADA LIVRE

MAR
PVZ
19/20